



TEXTO PARA DISCUSSÃO

ISSN 0103-9466

380

**Olavo de Carvalho
e a onda conservadora contemporânea**

Eduardo Barros Mariutti

Maio 2020



ie Instituto de
economia

Olavo de Carvalho e a onda conservadora contemporânea

Eduardo Barros Mariutti *

Resumo

A preocupação básica deste texto é tentar entender o que explica a aderência das ideias de Olavo de Carvalho em um expressivo setor do campo conservador que, principalmente por estímulo dos filhos do presidente, possui ampla participação no alto escalão da administração pública federal.

Introdução

Embora o cenário contemporâneo não seja nada claro, não é difícil divisar o fortalecimento do conservadorismo em escala mundial. Mas há uma peculiaridade que permite marcar uma diferença cada vez mais saliente entre o conservadorismo moderno e o contemporâneo. A aceitação de que as sociedades de fato *mudam* é a grande peculiaridade do conservadorismo moderno, isto é, aquele que surge da reação à Revolução Francesa. Como autores de diversas orientações ideológicas já ressaltaram¹, é a partir de 1789 que o conservadorismo *como ideologia* se emancipa do pensamento reacionário e, por conta disto, torna-se capaz de assumir uma postura mais pragmática, fundada na combinação entre ceticismo e prudência. Isto atenuou significativamente a inclinação utópica de se tentar restaurar uma era de perfeição situada em um longínquo passado (que nunca existiu) ou, alternativamente, em buscar no futuro uma sociedade perfeita, fundada na regeneração das tradições e valores considerados absolutos e fundamentalmente *verdadeiros e corretos*. É precisamente essa amarra que começou a ser desatada desde a revolução mundial de 1968. Frente à radicalização das demandas por liberdade e a politização do corpo, o caráter reativo do conservadorismo passou a ceder lugar a um ímpeto transformador, colérico e intransigente, divisado por alguns profetas como a única forma de reverter a suposta degeneração da sociedade em curso. Trata-se, portanto, de algo muito diferente do tradicional revanchismo reacionário. Envolve a criação de uma grande expectativa, geralmente mística, que se contrapõe a um mundo cada vez mais marcado por expectativas decrescentes².

Esta dimensão que visa transformações substanciais na realidade – mesmo que não haja nenhum consenso sobre as finalidades – colidiu frontalmente com a monótona alternância entre a centro esquerda e centro direita que tem caracterizado a política desde o *Annus Mirabilis* de 1989: a política institucional centrada na perpétua oscilação entre uma política econômica mais distributiva e outra mais “ortodoxa”, que não é fundamentalmente diferente, embora proclame da boca para a fora

* Professor Associado do Instituto de Economia da Unicamp e do Programa de Pós-Graduação *San Tiago Dantas*. Pesquisador do INCT/INEU e membro da Rede de Pesquisa em Autonomia Estratégica, Tecnologia e Defesa (PAET&D). E-mail: mariutti@unicamp.br.

(1) Cf. João Pereira COUTINHO. *As Ideias Conservadoras explicadas a revolucionários e a reacionários*. São Paulo: 2013 p. 9-12; Immanuel WALLERSTEIN. *The Modern World-System IV*. Berkeley: Univ. of California Press, 2011 p. 11.

(2) Sobre o tema da regressão das expectativas, ver Paulo ARANTES. *O Novo Tempo do Mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014

a necessidade de encorajar o “empreendedorismo” e a proteção dos direitos de propriedade.³ Mas a esquerda parece não querer tirar os olhos da superfície e insistir em um golpe imaginário e nas *fake news* (que substituiu a clássica conspiração midiática capitaneada pela Globo) como a causa da derrota do “progressismo”. Isto abriu o flanco para que uma vaga conservadora capitaneada por uma confusa e heterogênea extrema direita passasse para a ofensiva e ganhasse não apenas as ruas, mas, também, o governo federal. Parte deste bloco se inspira nas ideias de Olavo de Carvalho. É isto que ocupará o centro da discussão neste artigo. Antes, contudo, é necessário situar este tema particular dentro de um movimento mais amplo, que concerne a dimensão mundial conservadora que tem como epicentro os EUA.

A onda conservadora e a eleição de Donald Trump

Em um brilhante texto destinado a pensar a peculiaridade do conservadorismo nos EUA no final da década de 1950, Samuel Huntington propõe uma espécie de tipologia do pensamento conservador.⁴ Ele trata este fenômeno como *uma ideologia*⁵ e, desta perspectiva, propõe uma classificação *das teorias do conservadorismo* levando em conta como cada uma delas explicita as características distintivas, a substância e as condições que favorecem a ascendência deste fenômeno. A “teoria aristocrática” identifica o conservadorismo com a ideologia de um setor específico da sociedade em um evento histórico singular como, por exemplo, a reação das classes feudo-aristocrático-rurais à Revolução Francesa, ao liberalismo e à ascensão da Burguesia (final do XVIII e início do XIX). Como não houve feudalismo nos EUA, esta variante não se propagou por lá e, portanto, pode ser deixada de lado. Ele foca a sua análise em duas outras variantes: a “teoria autônoma” e a “definição situacional do conservadorismo”.

A teoria autônoma questiona a tese de que o conservadorismo esteja ligado aos interesses de algum grupo particular e, portanto, seu aparecimento não depende de nenhuma constelação particular de forças sociais. Deste ponto de vista o conservadorismo é considerado como um sistema autônomo de ideias definido em torno de valores alegadamente universais como justiça, ordem, equilíbrio e moderação. Uma ideologia que, portanto, independe de grupos, classes ou ocupações específicas: é uma questão de convicção pessoal. Já a definição situacional entende o fenômeno como uma ideologia que ascende quando um desafio fundamental às instituições estabelecidas. Os defensores destas instituições – que podem ser bastante heterogêneos – se erguem para a defendê-las. A sua base é afirmação apaixonada do valor das instituições existentes, mas a sua tática é mundana: para garantir as instituições fundamentais é necessário ceder em assuntos secundários. Isto abre espaço para alianças pragmáticas que congregam muitas vezes um grande arco de grupos muito distintos.

A base da diferenciação repousa, portanto, na relação da ideologia conservadora com o processo histórico. A teoria aristocrática tem como fundamento a tese de que o conservadorismo

(3) Delirantes chamam isso de “neoliberalismo”. Nunca houve neoliberalismo no Brasil. Nenhuma burguesia aprecia uma ordem realmente competitiva. Especialmente a nossa, que não sobreviveria a uma abertura à concorrência internacional.

(4) Samuel P. HUNTINGTON. Conservatism as an Ideology. *The American Political Science Review*, v. 51, n. 2, Jun. 1957.

(5) Ele entende ideologia como *um sistema de ideias* relacionadas à distribuição de valores políticos e sociais que tem o consentimento de um grupo social significativo.

ocorre apenas em uma classe particular em uma sociedade particular. A teoria autônoma, ao contrário, assume que o conservadorismo pode surgir em qualquer época da história e, por fim, a definição situacional restringe um pouco o quadro, ao afirmar que o conservadorismo como ideologia só se manifesta quando os grupos defensores e os desafiantes de uma ordem se posicionam em um claro antagonismo. Neste sentido, o conservadorismo se converte em uma ideologia quando precisa *reagir* a contra as políticas utópicas que fazem da fuga para o futuro (ou para o passado) um programa de ação no tempo presente. Trata-se de uma ideologia que só emerge “quando os fundamentos da sociedade são ameaçados”. E é precisamente isto que começou a ser percebido pelos conservadores no mundo todo, sobretudo depois que o impacto de 1968 se fez sentir na vida cotidiana. A despeito desta raiz comum, as temporalidades e as características dos levantes locais são muito diferentes. A ofensiva conservadora que alimentou as “guerras culturais” eclodiu primeiro nos EUA logo ao final da década de 1980 e muito depois no resto do mundo.

O sinuoso movimento do conservadorismo nos EUA: a “revolta jacksoniana” e a guerra cultural

A grande expansão econômica dos anos 90 nos EUA gerou um efeito curioso: amorteceu as tensões sociais ligadas mais diretamente à economia e, ao mesmo tempo, *ampliou* as divergências ligadas aos costumes e às questões raciais e de gênero. Se atentarmos para o debate público no período, aparentemente, a América tinha superado mais uma vez o “problema econômico”, fato que deslocou as linhas de cisão para a dimensão cultural e religiosa: como a prosperidade era novamente dada como certa, a questão envolvia definir quais eram os valores genuinamente “americanos”, e isso gerava uma tensão que tendia a posições irreduzíveis. Foi neste cenário que os conservadores começaram a se organizar precocemente nos termos de uma “guerra cultural”⁶. Em certo sentido, tratava-se de uma reação tardia às transformações postas em marcha sobretudo depois de 1968, onde a contracultura, o ecossocialismo, o feminismo, o movimento negro e o movimento LGBT mudaram o eixo da sua atuação: se concentraram na promoção de transformações significativas nas relações interpessoais e, inclusive, no próprio entendimento do significado do homem e de sua relação com o meio ambiente, visando combater a tradição cartesiana. As mudanças foram relativamente bem-sucedidas, especialmente na academia, na grande imprensa nas artes e nos circuitos considerados por seus membros como “mais arejados”. E foi este sucesso relativo que despertou os conservadores americanos logo no final da década de 1980 que, em nome de uma suposta ameaça a valores fundamentais, passaram a se engajar de forma mais organizada no campo de batalha cultural⁷.

No entanto, a eleição de Donald Trump representou um divisor de águas: ao lado de uma postura “jeffersoniana” sobre a política externa, a “guerra cultural” esteve na base de sua campanha e assumiu uma proeminência ainda maior desde a sua vitória que, de certo modo, sinaliza a

(6) Esta expressão ficou imediatamente célebre após James Davidson HUNTER publicar *Culture wars: the struggle to define America*. Nova York: Basic Books, 1991.

(7) Cf. Pablo ORTELLADO. Guerras Culturais no Brasil. *Le Monde Diplomatique Brasil*, n. 89, 2014, em particular essa passagem: “Estamos vendo no Brasil e em outros países uma expansão mundial das guerras culturais que tomaram os Estados Unidos a partir do final dos anos 1980. A antiga polarização entre uma direita liberal que defendia a meritocracia baseada na livre iniciativa e uma esquerda que defendia intervenções políticas para promover a justiça social passa a ser não substituída, mas crescentemente subordinada a um novo antagonismo entre, de um lado, um conservadorismo punitivo e, de outro, um progressismo compreensivo.”

preponderância da “revolta Jacksoniana”⁸ e da *Alt-Right*. Como se sabe, o período conhecido como a era jacksoniana foi marcado por um conjunto de transformações muito aceleradas que envolveram praticamente todas as dimensões da vida social. O isolamento das comunidades que caracterizava os EUA até o início do século XIX foi brutalmente rompido por uma tensa conexão entre os novos sistemas de transporte, o comércio em maior escala e o reforço de um sistema político que fazia com que todas as questões locais e regionais desembocassem em Washington. Novas relações de autoridade e interesses mais remotos se impuseram sobre a esfera de intimidade que marcava as relações econômicas e políticas das comunidades. O que singularizava a posição jacksoniana é que eles rejeitavam o pendor tradicionalista dos seus adversários mais diretos (reunidos principalmente no partido Democrata) mas, ao mesmo tempo, não se sentiam à vontade com a defesa mais enfática feita pelos Whigs das relações impessoais típicas de uma sociedade comercial moderna regulada por contratos. Lawrence Kohl ilustra bem as tensões deste movimento:

Paradoxically, the Jacksonian’s persistent demands for freedom and equality could sound quite modern. And they were sincere in their rejection of hierarchy and deference. Yet, their liberation rhetoric was particularly intense precisely because their traditional social character inhibited their accommodation to society’s demands. The bristly independence of their writings and speeches revealed a certain desire to respond to these demands, but it also disclosed their frustration in the attempt. Even more telling is the fact that Jacksonians frequently used the concepts of freedom and equality to liberate them from the impersonal social ties which frustrated and exploited them. Their political policies which embodied these ideals were often defensive reactions to the emergence of individualistic institutions, attempts to protect more traditional relationships from the transforming effects of modernity⁹.

Em certo sentido, a atual “revolta jacksoniana” expressa uma tensão formalmente similar, porém reconfigurada e embebida por um conjunto distinto de forças sociais.

A ameaça é dupla. Em uma ponta o “globalismo” (sic.) das elites que se julgam cosmopolitas corrompe e dissolve os costumes das comunidades locais e, ao mesmo tempo, internaliza tensões internacionais que pouco tem a ver com o interesse do cidadão americano, desperdiçando tempo, recursos e a vida de soldados engajados em guerras e ações militares que não correspondem às questões genuinamente nacionais. Esta mesma elite apoia um discurso multiculturalista que reforça “artificialmente” a demanda de imigrantes não adaptados aos valores americanos, minorias e grupos de identidade definidos em torno de questões culturais, raciais e de gênero. É precisamente neste ponto que a “revolta” jacksoniana entra em sinergia com boa parte das inclinações e das demandas da *Alt-Right*¹⁰. A convergência é quase absoluta na questão da posse de armas e no controle sobre as

(8) Cf. MEAD, Walter Russell. *The Jacksonian Revolt: American Populism and the Liberal Order*. *Foreign Affairs*, v. 96, n. 2, 2017.

(9) KOHL, Lawrence F. *The Politics of Individualism: parties and the American character in the Jacksonian Era*. Nova York: Oxford U. Press, 1989, p. 16.

(10) Trata-se de um movimento difícil de ser caracterizado, por conta de seu caráter amorfo e, em grande parte, anônimo. É um movimento claramente conservador, embora radicalmente crítico do que eles consideram como o “conservadorismo *mainstream*”, isto é, a combinação entre tradicionalismo moral, liberdade econômica e ênfase na defesa nacional que ganhou proeminência na era Bush. Cf. George HAWLEY. *Making Sense of The Alt-Right*. Nova York: Columbia U. Press, 2017, p. 4; 11-18. Este conservadorismo é considerado por eles como parte do *establishment*. Por conta disto a *Alt-right* se manifesta predominantemente nos canais digitais, tanto na esfera visível (Youtube, Twitter, Facebook, etc.) quanto em grupos de mensagem como o 4chan e na zona opaca da *deep web*. Cf. Angela NAGLE. *Kill all Normies: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the alt-right and Trump*. Washington: Zero Books, 2017. A sua tática básica envolve interromper o debate público com mensagens ofensivas e, também, destruir reputações mediante linchamentos *on line*. Neste sentido, o “Gabinete do Ódio” bolsonarista é herdeiro direto destas táticas.

imigrações. No primeiro caso, a posse é defendida como um direito fundamental para defesa pessoal e para, eventualmente, resistir a governos tiranos.

O aspecto curioso é que a defesa das liberdades individuais não está necessariamente associada à defesa do *Laissez-faire* no plano da economia: a tendência dominante é a defesa do protecionismo. Isto é, *Fair Trade* ao invés de *Free Trade*, o que gera atrito com a curiosa variante estadunidense que importamos por aqui: conservador nos costumes e liberal na economia¹¹. No entanto é importante destacar que a ênfase no controle sobre as fronteiras e no combate aos imigrantes ilegais, ao contrário do que geralmente se destaca, *não* tem como motivo fundamental o receio de uma hipotética desvalorização dos salários por conta da pressão dos estrangeiros no mercado de trabalho, embora isso seja importante. O motivo é muito mais perturbador, pois está radicado na percepção de que as políticas identitárias protegem e prestigiam diversas minorias, mas deixam de fora o branco que se identifica simplesmente como “americano” (*plain american*). E, frente a isto, brotam teorias conspiratórias fundadas no temor de que existe uma iniciativa deliberada da oligarquia *bipartidária* de reduzir e marginalizar a população branca tanto no plano demográfico como no cultural e no político. Esta política só pode operar pelo reforço do multiculturalismo que, portanto, impede que os valores americanos – o compasso moral dos pais fundadores – exerçam o papel que, até então, tinha garantido a grandeza da América: a combinação entre migrantes com costumes muito distintos em uma única nação. Desse ponto de vista a questão, portanto, é diretamente político-social e indiretamente econômica.

Uma Revolução Conservadora?

Mas seria possível pensar em uma *revolução conservadora*? Infelizmente a resposta é sim. Ela se desdobra em dois fronts. No front civilizacional o objetivo é deter o colapso do civilização judaico-cristã tanto das causas internas – o individualismo irresponsável da modernidade – quanto do cerco proveniente das demais civilizações (a islâmica e a ameaça chinesa). No front interno os revolucionários se insurgem contra o *establishment*, explicitado pela zona de consenso entre o Partido Republicano e o Democrata. Este bipartidarismo é considerado uma das principais fontes da decadência dos “valores americanos” que, deste ponto de vista, se manifesta em uma curiosa mistura entre o empreendedorismo e um senso de responsabilidade cristão ancorado no nacionalismo (*fair trade*). A traição das elites esteve na base deste acordo contra o cidadão médio americano. Ao se converter em uma plutocracia cosmopolita com tentáculos transnacionais, a cúpula da sociedade americana criou um corrupto capitalismo de compadrio que combina o “socialismo para os ricos” que protege os plutocratas blindando-os do risco e da competição com o “socialismo dos miseráveis”, isto é, a rede de assistência pública que garante mão de obra *e votos baratos*, uma chusma heterogênea que só tem como traço comum a dependência do Estado e aversão ao empreendedorismo e à meritocracia. As classes médias e, especialmente, os americanos genuínos ficam de fora deste acordo. Steve Bannon representa o arquétipo deste tipo de discurso, uma figura que já era muito notória nos EUA, mas que ficou mundialmente conhecido após tornar-se um dos principais estrategistas da

(11) A ala olavista, como se sabe, sequer é liberal na economia: ataca sistematicamente Paulo Guedes.

vitoriosa campanha de Donald Trump para a presidência (que o descartou em 2018, fato que intensificou o seu “radicalismo”)¹².

Não o resta dúvida de que esta figura sombria rapidamente se converteu em um dos principais porta-vozes da “revolução mundial conservadora” que, em sua visão, é a única alternativa para salvar a civilização judaico-cristã. Requentando de forma idiossincrática e empobrecedora a ideia de “choque de civilizações” proposta por Huntington em 1996¹³, Bannon alega que estamos defronte uma *guerra existencial global* que opõe a tradição judaico-cristã ocidental como o que ele chama por vezes de “fascismo islâmico”. Bannon é muito menos “global” do que imagina, pois a extrema direita europeia o vê com muita desconfiança. No entanto, a sua influência é grande nos EUA e, infelizmente, no Brasil pela via de Olavo de Carvalho e sua seita de fanáticos. O ponto de contato evidente entre os dois é a reverência ao perenialismo que, contudo, é muito mais saliente em Olavo do que em Bannon. O ódio à China é outro ponto de aglutinação importante.¹⁴ A “ameaça do islã” é o terceiro embora, como veremos, Olavo não tenha aversão ao islamismo *per se* e, inclusive, frequentou a tariaqa sufi de Frithjof Schuon. O fato é que depois da eleição de Jair Bolsonaro as pretensões de Olavo aumentaram significativamente. Até então ele tinha apenas a modesta pretensão situar o “lugar do Brasil na história espiritual do mundo” e, a partir deste diagnóstico, reformar radicalmente a cultura brasileira¹⁵. Com Bolsonaro no poder ele ficou ainda mais ambicioso e se autoproclamou o líder da “revolução brasileira”. Uma liderança tragicômica já que ele continua morando nos EUA e parece que nunca irá pisar de novo no Brasil¹⁶.

A insurgência da Ralé e a onda conservadora no Brasil

O patrimônio e a renda não são as principais fontes de privilégio social, especialmente no caso das classes médias. O acesso a boas escolas desde a tenra infância é um elemento crucial de diferenciação social. Mas por detrás do abismo que separa as elites da grande massa há muito mais do que isso. Uma família de classe média lega de forma invisível a seus filhos um conjunto de habilidades cognitivas e sociais que geram distinção social. Isto reitera, portanto, na própria vida familiar as hierarquias do “gosto” que perenizam a desigualdade também no plano subjetivo.¹⁷ Essa herança imaterial gera identificações subjetivas – e quase inconscientes - que reforçam a endogenia nas classes médias e, reversamente, tende a perpetuar e naturalizar a desigualdade. Logo, por conta

(12) Após ser defenestrado por Trump, Bannon passou a atacar sistematicamente as lideranças do partido republicano, em uma clara tentativa de rachar o partido.

(13) Samuel HUNTINGTON. *The Clash of Civilizations*. Nova York: Touchstone, 1996.

(14) Cf. Benjamin R. TEITELBAUM. *War for Eternity: inside Bannon's far-right circle of Global Power Brokers*. Nova York: Harper Collins, 2020.

(15) Cf. *O Futuro do Pensamento Brasileiro*. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade, 1997, parte I.

(16) E neste sentido ele fez escola. Como noticiou Fábio Zanini na *Folha de São Paulo*, 10 de Maio de 2020, os criadores do *ZapBolsonaro* (uma ferramenta que gerenciava uma rede com mais de 15000 pessoas engajadas na campanha de Bolsonaro) romperam após a saída de Sérgio Moro do governo. Mas continuam remotamente a ajudar na “revolução”. Carlos Nacli defende agora Moro e quer viabilizar a sua candidatura em 2022 (provavelmente como vice de Janaina Paschoal). Mora em Portugal...Já Newton Martins mudou para Boston e, de lá, continua a defender Bolsonaro e sua “revolução”. Usa a marca *ZapBolsonaro* no Twitter e no Youtube para, em uma distância segura, insuflar os ânimos por aqui.

(17) Cf. Pierre BOURDIEU. *A Distinção: crítica social do Julgamento*. São Paulo e Porto Alegre: Edusc & Zouk, 2007.

disto, a desigualdade não pode ser eliminada *apenas* pelo crescimento econômico, mesmo que combinado com um complemento de renda e a provisão de competências técnicas para as camadas inferiores da sociedade. O imbricamento entre a escassez de recursos e de acesso aos hábitos e padrões de sociabilidade dos “vencedores” condena de antemão os inferiorizados. Neste sentido, para a *ralé*,¹⁸ o capital cultural e simbólico é uma barreira social muito mais difícil de ser rompida do que a renda. E, para agravar a situação, além do habitual desprezo das elites, a *ralé* começa a sentir os valores tradicionais que geralmente norteiam a sua vida ameaçados diretamente pelo “progressismo” dos privilegiados.

É precisamente este amorfo setor social que constitui um pilar importante na insurgência conservadora que alimenta a polarização social em nossos dias. Em um livro interessante, mas exageradamente empolado, Martin Vasques de Souza – o intelectual, porém não idiota – enxerga esta polarização como o choque entre a tirania dos especialistas e a “revolta do subsolo”, isto é, a titânica colisão entre dois tipos distintos de totalitarismo. De um lado se situam os intelectuais¹⁹ que, isolados da realidade, mas munidos de ideais abstratas, acreditam que possuem a solução para todas as tensões da realidade social. Logo, de acordo com o seu próprio julgamento, são os únicos que possuem sabedoria para conduzir as políticas públicas e, sobretudo, o projeto de moldar as relações interpessoais da massa. Neste sentido, como advertem os conservadores mais céticos, eles encarnam a recorrente revolta voluntarista contra a realidade que sempre naufraga. A despeito dos eventuais floreios à liberdade e à democracia, tais intelectuais não passam de déspotas ilustrados. Na outra ponta se situa a revolta do subsolo. Isto é, o levante de uma massa invisível e ressentida – que também compreende a *ralé*, na definição de José Souza aqui apresentada – que contra-ataca os tiranetes da elite em todas as frentes, combinando o anti-intelectualismo com uma extremada convicção redentora de cunho religioso. Para ele – em flagrante exagero – este tsunami é comandado por Olavo de Carvalho²⁰. Embora propositalmente folclórico²¹, ele não tem toda essa força e penetração popular. Mas não resta dúvida que, como já foi apontado, Olavo é uma das figuras mais proeminentes na dimensão conservadora da revolta da *ralé*.

Parte dos estímulos à esta insurgência provém de determinações mais gerais. Em grande parte, este recuo místico ao passado toma carona no mesmo processo que produziu a plethora de pós-modernismos: a crise da modernidade. A dissolução das fronteiras entre natural e artificial, vivo e

(18) Neste caso, sigo a definição de Jessé SOUZA: “O processo de modernização brasileiro constitui não apenas as novas classes sociais modernas que se apropriam diferencialmente dos capitais cultural e econômico. Ele constitui também uma classe inteira de indivíduos, não só sem capital cultural nem econômico em qualquer medida significativa, mas desprovida, esse é o aspecto fundamental, das condições sociais, morais e culturais que permitem essa apropriação. é essa classe social que designamos neste livro de “*ralé*” estrutural, não para “ofender” essas pessoas já tão sofridas e humilhadas, mas para chamar a atenção, provocativamente, para nosso maior conflito social e político: o abandono social e político, “consentido por toda a sociedade”, de toda uma classe de indivíduos “precarizados” que se reproduz há gerações enquanto tal.” (*A Ralé Brasileira*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, p. 21).

(19) Ele entende este termo em sentido lato: qualquer um que seja capaz de exercer influência cultural sobre a sociedade (professores, cientistas, jornalistas, comunicadores, etc.).

(20) VASQUES DA CUNHA. *A Tirania dos Especialistas: desde a revolta das elites do PT até a Revolta do Subsolo de Olavo de Carvalho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

(21) As suas declarações despropositadas – o adoçante da Pepsi é feito com fetos humanos, cigarro não faz mal à saúde, etc. – são uma tática de guerrilha. Tentar desqualificá-lo nestes termos só reforça a sua mensagem para os olavetes: vejam, estes “intelectuais” mordem a isca, rebatem minhas provocações com ataques pessoais, mas não entendem a “minha filosofia”.

inerte, homem e máquina, natureza e cultura trouxe um conjunto de perturbações adicionais a um indivíduo que já se sentia estilhaçado e desprovido de sentido. Isto pode empurrar os homens para o niilismo – o que é muito raro – ou para experiências místicas, ao estilo das que oferta Olavo. A pós-modernidade é algo que seduz apenas as elites extremamente educadas, exatamente o alvo da ira da ralé e dos olavetes. A esmagadora maioria, frente ao fim das ilusões progressistas da modernidade, prefere um retorno ao mundo mágico da religião e as certezas dos valores “tradicionais”. Mas não se trata de qualquer religião: é necessário que ela lhe traga não apenas conforto espiritual, mas, também, alguma vantagem palpável e, sobretudo, que seja compatível com a sua experiência de vida. As comunidades religiosas configuram uma rede de contatos importante, que gera oportunidades de negócios e, também, mecanismos informais de proteção social. Esta é uma brecha importante para recrutar novos combatentes dispostos a defender a tradição nas guerras culturais contra a degeneração identificada aos “progressistas”.

A despeito do exagero e das distorções promovidas pela máquina clandestina de propaganda por detrás do governo Bolsonaro capitaneada pela ala olavista, uma coisa é verdadeira: as ideias “progressistas” – multiculturalismo, ecossocialismo, sexualidade não-binária, etc. – são proferidas pela parcela mais branca, escolarizada e rica da sociedade brasileira²². Exatamente por isto não fica difícil direcionar a ira da ralé contra “os socialistas de iPhone”. A tarefa ficou ainda mais fácil a partir do segundo governo Lula que cooptou a quase totalidade da esquerda no imenso aparelho burocrático comandado pelo PT que, como ficou patente, se baseia numa mescla de compadrio com corrupção estrutural²³. Frente a essa máquina o “gabinete do Ódio” é um dispositivo amadorista, que ainda está engatinhando. Mas a direita avançou a passos largos em outros planos. Paulo Arantes já chamava a atenção para algo que agora é cada vez mais evidente: a esquerda abandonou a política no sentido forte, isto é, como luta social em todos os planos norteada por grandes expectativas. Em seu lugar assumiu uma mentalidade essencialmente burocrática, centrada na governabilidade e salpicada por discursos inflamados que não passam de jogo de cena. Isto abriu espaço para que a extrema direita tomasse a iniciativa, fazendo a política ressurgir. Frente a isto, em uma divertida tirada, Arantes salienta que foi a direita que encarnou de forma inusitada as estratégias leninistas de combate social.

Isso posto, podemos dar mais um passo. A definição situacional do conservadorismo que foi apresentada a pouco é útil apenas para dar início à discussão. Quando se desperta uma vaga conservadora nunca se sabe qual dimensão do conservadorismo irá preponderar: aquele arraigado na prudência e no ceticismo (Burke) ou uma perigosa visão messiânica e redentora que, mediante um líder carismático comandando uma seita de fanáticos, crê na possibilidade de utilizar o Estado para destruir os obstáculos à regeneração da nação. O primeiro tipo de conservador crê que a sociedade é o produto de múltiplas sedimentações e, sobretudo, da lenta consolidação de hábitos que levam um período longo de tempo para se cristalizar. É difícil desconstruí-los: as grandes instituições e práticas

(22) Pablo Ortellado tem insistido com veemência nesta ideia em suas pesquisas e numerosas intervenções no debate público. Além de muito mais ricos e escolarizados, os grupos que se auto definem como “progressistas” tem posições extremamente coesas sobre questões morais referentes ao feminismo, drogas e ao racismo. Já os conservadores não apresentam a mesma coerência: se definem enquanto grupo principalmente contra as políticas e as posições morais dos progressistas. Precisamente por isto alegam – fantasiosamente, é claro – serem contra o *establishment*.

(23) O antipetismo é o elemento preponderante na reação conservadora e o único elo que perpassa forças sociais e grupos de pressão muito heterogêneos que compreendem desde o MBL à movimentos pela restauração da monarquia. Olavo, de forma sempre oportunista, pegou uma carona neste turbilhão.

que resistem à prova do tempo geralmente conseguem se regenerar. Mas um abalo significativo pode, de fato, por tudo a perder. Um conservador deste tipo pode se levantar frente ao que considera uma ameaça fundamental aos seus valores e tradições, mas sempre de forma prudente e moderada, e demarcando esferas onde ninguém – e muito menos o Estado – poder invadir. Logo, esta reação nunca ocorre ao estilo dos conservadores que acreditam na possibilidade de uma sociedade perfeita: se julgam os portadores diretos de valores transcendentais que, pela sua pureza, podem ser implementados a qualquer custo. Pior: como estes valores são considerados *naturais*, uma política de terra arrasada iria por si só destruir o artificialismo imposto à sociedade pelos “progressistas” e, deste modo, abrir espaço para a regeneração espontânea dos valores conservadores. Esta é a verdadeira ameaça. E, neste sentido, ao exercer influência no governo Bolsonaro, Olavo de Carvalho consegue, de fato, estimular e dar alguma direção a essa dimensão da revolta conservadora.

As Garras da Esfinge: a missão salvífica de Olavo de Carvalho

O diagnóstico básico de Olavo é que testemunhamos um enfraquecimento generalizado do espírito cristão no mundo. Isto, dentre diversos outros fatores, sinaliza uma crise civilizacional. A própria modernidade tardia, ao desaguar em um niilismo deformado que concorre com um mundo fragmentado de identidades, seria uma das expressões mais salientes do colapso da civilização. Contra a noção de temporalidade reinante – que ele qualifica como um preconceito “cronocêntrico que faz do hoje o umbigo e o topo das épocas” – Olavo visa restaurar o senso de eternidade vislumbrado pelos grandes luminares do pensamento humano e, sobretudo, por algumas religiões e confrarias místicas. Sentido, finalidade, valor e *verdade* são “uma só e mesma coisa”:

Mas como poderia o microcosmo cognoscente compreender o seu objeto, isto é, o fato histórico tomado em sua singularidade, se este também não fosse uma imagem microcômica do cognoscível, uma mônada em cujas faces reverbera, sob uma forma particular e datada, o sentido universal de todas as ações e pensamentos humanos possíveis? E o que se aplica aos fatos singulares, com tanto mais fundamento se aplicará às culturas e civilizações: podemos compreendê-las porque temos em potência, dentro de nós, os valores universais que as moldaram; podem ser compreendidas, porque, na singularidade da sua forma historicamente dada, se abriga um sentido universalmente compreensível, o que é o mesmo que dizer: um sentido válido, em última instância, para todos os homens do mundo²⁴.

Logo, o alicerce do pensamento de Olavo, em sua faceta mais secular, repousa na aposta de que existe um sentido universal que precede e garante a unidade do humano, e que ele pode ser apreendido apenas por uma ascese individual.

Mas o seu projeto é, na realidade, messiânico. Para restaurar a civilização cristã ocidental é necessário, primeiro, identificar os adversários. Um deles é a maçonaria, embora esta ameaça seja apenas relativa²⁵. Outro, mais ameaçador, são as intrusões islâmicas. E um terceiro, que não é

(24) Ibid, p. 22-23.

25 Cf. Olavo de CARVALHO. *O Jardim das Aflições*, p. 154-164. Algumas passagens são pitorescas. “Em primeiro lugar, a religião do Novo Mundo é maçônica. Todos os signatários da Declaração da Independência, sem exceção, pertencem a alguma loja maçônica. Desse momento em diante, ninguém, mas absolutamente ninguém faz carreira política nas três Américas sem ter de entrar para a Maçonaria, prestar satisfações à Maçonaria ou enfrentar a Maçonaria. O fato é demasiado notório para que seja preciso demonstrá-lo. A carreira de Fernando Henrique Cardoso – o político ruim de voto que,

incompatível com o anterior: o famigerado projeto globalista organizado pela ONU e patrocinado por alguns milionários que tem como objetivo criar um Estado mundial e destruir a tradição. Estas forças têm um elemento comum: postular a equivalência entre todas as religiões tanto em dignidade quanto em valor, como se todas partissem de uma mesma revelação fundamental. Neste sentido, à primeira vista, há uma compatibilidade entre a “Nova Era” e a escola perenialista, da qual ele é um fervoroso adepto. O fato é que Olavo se insurge com fúria contra qualquer tentativa de expandir o escopo desta tradição e, sobretudo, em romper o dique entre os grandes mestres da espiritualidade e os seus praticantes mais vulgares. Esta temática é recorrente em *O Jardim das aflições*²⁶ e é reiterada com veemência em “As Garras da Esfinge: René Guénon e a islamização do Ocidente”²⁷, texto que ocupará o primeiro plano neste momento. A constituição desta “religião biônica mundial, com todas as características de uma paródia satânica” estaria no centro da guerra cultural contemporânea. Contra esta blasfêmia, apoiando-se sobretudo em Frithjof Schuon (e usando René Guénon como uma muleta provisória), Olavo busca marcar a diferença entre este falso universalismo²⁸ e o universalismo esotérico da escola tradicionalista ou perenialista, entendido como única salvação para a crise civilizacional que nos aflige.

A primeira grande diferença é a pronunciada hierarquia que separa os grandes mestres dos meros fiéis que, exatamente por conta da sua pobreza de espírito, devem se resignar a seguir resignadamente a “lei religiosa obrigatória para todos”. Contra a “mixórdia sincretista” da Nova Era e seus congêneres, os gigantes da escola perenialista – dentre os quais Olavo julga ser um dos mais destacados – são os únicos genuinamente universalistas:

temos aqui um universalismo no sentido forte da palavra, uma visão abrangente e ordenadora que não somente apreende com extrema agudeza os pontos comuns entre as várias cosmovisões espirituais, mas dá a razão e fundamento da sua diversidade, de modo que a essa articulação do uno e do múltiplo se subordina, na verdade, toda a história universal das ideias e das crenças, das teorias e práticas, numa palavra: tudo o que o ser humano fez e pensou na sua caminhada sobre a Terra. Não há praticamente nada, nenhum fenômeno, nenhum pensamento, nenhum acontecimento fausto ou infausto, que de algum modo não encontre alguma explicação “perenialista” eficiente e persuasiva, quando não irrefutavelmente certa.

Dentre as diversas cosmovisões em luta, a escola perenialista está no topo, pois é “a mais abrangente, que absorve e explica todas as outras”. Mas para atingir este patamar, além de uma rotina infatigável de estudos, é fundamental promover uma revolução pessoal *totalmente individual*, onde sozinho, contra todas as resistências, o fiel poderá encontrar em si mesmo, pelo “centro de sua

recebendo a iniciação maçônica, em poucos anos chega à presidência vencendo a candidatura aparentemente imbatível de Luís Inácio Lula da Silva – ilustra-o novamente” (Ibid, p. 153-154).

(26) Que ele mesmo reputa como a sua terceira obra de combate (as duas primeiras: *A Nova Era e a Revolução Cultural e O Imbecil Coletivo*). Cf. Ibid, p. 27.

(27) *Verbum*, Ano I, n. 1 e 2, Jul./Out. de 2016 (Mimeo.).

(28) “Grosso modo, a ideologia que gruda uns nos outros esses elementos heterogêneos e inconciliáveis é o universalismo low brow da “Nova Era”, que, copiando mal e mal a linguagem da tradição hindu, proclama serem todas as religiões nada mais que aspectos locais e acidentais assumidos por uma Revelação Primordial única, donde se conclui que, por este ou aquele caminho, todo mundo chegará mais dia, menos dia, aos mais altos estágios da realização espiritual humana ou mesmo sobre-humana.”

existência” uma forma de aderir “ao senhor de toda a verdade”. Trata-se, portanto, de uma *luta interior* que se expressa em uma batalha tenaz pela unidade do conhecimento na unidade da consciência, decifrando deste modo o sentido primordial do ser²⁹. E, insiste Olavo, raríssimos chegam a este ponto. Mas os que chegam, isto é, quem tem sucesso neste processo de “seleção espontânea” passa a fazer parte da verdadeira “elite intelectual” que deveria conduzir a humanidade.

Há, de fato, uma única “realidade suprema” ou uma única revelação primordial. Mas “a unidade transcendente das religiões é mesmo transcendente, não imanente”. Elas estão unificadas somente *pelo topo*, isto é, “pelo cume e núcleo vivo das suas concepções doutrinárias, e não pela variedade irreduzível das suas liturgias, dos seus códigos morais e das suas diferentes ‘vias’ de realização espiritual.” Logo, a convergência está nas concepções metafísicas³⁰ das únicas religiões legítimas (ou verdadeiramente tradicionais, por oposição à pseudotradição e a antitradição). Somente os poucos que passaram pela seleção espontânea são capazes de compreender a Verdade Primordial e, portanto, são os únicos capazes de superar as diferenças entre as religiões e, deste modo, perceber a sua unidade. Isto é, deste ponto de vista privilegiado, “os vários exoterismos refletiriam, nas suas diferenças, a unidade de um mesmo esoterismo primordial.”

No entanto, afirma Olavo, além da diferenciação horizontal entre as diversas tradições, é importante marcar a distinção vertical, ou seja, entre as partes inferiores e superiores de cada tradição. A parte inferior – exotérica – é suscetível demais às perturbações contingentes da vida popular e, portanto, podem promover o afastamento e hostilidade entre as demais variantes legítimas. Já as partes superiores, esotéricas, “refletem a eternidade imutável da Verdade, onde as tradições convergem e se encontram”. Há a religião das massas, permeada de ritos e danações, e outra de elite, os únicos capazes de apreender o “sentido último” da revelação universal. Os homens do povo, se seguirem as normas ditadas pelos pastores, estão qualificados para obter a salvação *post mortem* de suas almas. O cenário é distinto para os grandes homens:

Por meio de ritos de iniciação, os membros da elite obtêm já em vida, e muito acima da mera “salvação”, a realização espiritual que os arrebatam do simples “estado individual” de existência para transfigurá-los na própria Realidade Última, ou Deus³¹.

Estes homens são os únicos que podem transitar entre as verdadeiras religiões³², particularmente ao entrarem em estado de “arrebamento místico”. Após dizer que não se deve explicitar muito isto ao público em geral, “que poderia escandalizar-se ante a decifração de um mistério que deve permanecer opaco para a sua própria proteção espiritual”, ele destaca um problema: apenas no islamismo a distinção entre exoterismo e esoterismo é constitutiva da doutrina. Nas demais religiões esta distinção não está claramente fundamentada e, muitas vezes, é hostilizada, como é o caso do cristianismo, que passou muito cedo a proibir as sociedades secretas.

(29) Cf. Martin VASQUES DA CUNHA. *A Tirania dos Especialistas*. Op. cit., p. 108-109.

(30) “Que é uma metafísica? É a estrutura da realidade universal, que desce desde o Primeiro Princípio infinito e eterno até os seus inumeráveis reflexos no mundo manifestado, através de uma série de níveis ou planos de existência” (Olavo de CARVALHO. *As Garras...* Op. cit.

(31) Ibid.

(32) A rigor, são apenas seis: cristianismo, islamismo e judaísmo, hinduísmo, budismo e zoroastrismo. A lista é, na verdade, aberta. Nenhuma outra religião, além destas, chegou ao cume. Se chegar, a lista aumenta.

É isto que, e, seu julgamento, é capaz de fazer “balançar” o edifício do perenialismo. Aí começa a sua crítica à Guénon. Para este a Igreja Católica perdeu qualquer contato com a Tradição Primordial e se converteu em uma instituição adulatora das massas.³³ A sua crise é inevitável e tal situação só poderia ser revertida de fora para dentro. O Ocidente, portanto, teria uma única via para a salvação: o catolicismo só poderia se conectar novamente com a Tradição Primordial se se permitisse ser guiado pelos mestres islâmicos. “Ou isso, ou a ocupação do Ocidente pelos muçulmanos. *Tertium non datur*”. Aqui transparece a missão pessoal de Olavo. Libertar o catolicismo não apenas do globalismo mas, também, dos agentes do islamismo, dentre os quais Guénon foi o principal. Ele, com sua peculiar falta de modéstia, afirma que decifrou o enigma da esfinge: expôs o projeto guenoniano de islamização do Ocidente, tirou os seus ensinamentos válidos e, portanto, “a Esfinge não tem remédio senão soltar gentilmente a presa, que sairá das suas garras não somente livre, mas fortalecida”.

A decadência da Inteligência brasileira e seu redentor: Olavo contra o “marxismo cultural”

Olavo de Carvalho foi um notório simpatizante do governo de Fernando Collor de Mello. Notório e folclórico. A sua obsessão pelo “marxismo cultural” teve início durante o movimento pela ética na política que favoreceu o seu impeachment. Esta falsa pela ética não passou de uma manobra para garantir a conquista da hegemonia da esquerda na mídia, no sistema educacional e nos meios artísticos³⁴. No entanto, a fábula que Olavo construiu para se autovalorizar é ainda mais exótica do que este diagnóstico. É bem sabido que mentes conspiratórias gostam de produzir fantasias sobre suas próprias virtudes. Isto fica claro no capítulo 1 de *O Jardim das Aflições*, intitulado “A Nova História da Ética”. Depois de dizer no primeiro parágrafo que um escritor educado “não deve ir logo de entrada falando de si mesmo” ele logo pede desculpas: irá se auto congratular, ferindo as boas maneiras, mas somente porque a ocasião era grave demais. Em uma espécie de arrebatamento – lendo o texto parece mais um transe estimulado por alucinógenos – ele percebeu, em uma tarde de maio de 1990, os sinais apocalípticos que anunciava o fim da inteligência brasileira.

(33) Até este ponto, Olavo não só endossa como, inclusive, atualiza a crítica de Guénon: “Não precisamos endossar por completo a tese de Guénon para admitir o fato patente de que o cristianismo, malgrado sua imensa força de renovação espiritual, não estava muito bem dotado para reorganizar a sociedade civil e política.”(...). “O cristianismo era essencialmente uma “via de salvação”, que voltava as costas para este mundo, concentrando todos os esforços na busca da Cidade Celeste. Para transformar-se numa força organizadora da Cidade Terrestre, ele teve de sofrer adaptações que arriscaram deformá-lo profundamente. Não existe, em toda a História das Religiões, outro caso de uma moral religiosa que tenha passado por tantas mudanças e transformações. A moral social cristã, com efeito, não emerge pronta e óbvia da letra das escrituras, como a islâmica ou a judaica, mas se elabora aos poucos, ao fio de tremendas disputas dialéticas, por obra dos teólogos e dos concílios, crescendo, não como a progressão linear de uma simples dedução lógica, mas como um organismo vivente, entre dores e contradições”. (*O Jardim...* op. cit. p. 131-132). O reinado de Carlos Magno foi o único período em que se manifestou um verdadeiro império cristão. “No restante da história europeia o Império é apenas uma ideia unificadora, pairando no abstrato sobre um caos de principados e ducados perpetuamente em guerra uns com os outros. De outro lado, e em função mesma do fracasso do Império, surge a transformação do papado num poder temporal concorrente, com todo o seu cortejo de consequências nefastas. A principal, evidentemente, foi a mundanização do culto, o rebaixamento da moral cristã a um receituário de exterioridades tão opressivo e falso quanto o moralismo estatal romano, a cristalização progressiva da doutrina num formalismo lógico-jurídico deprimente e, por via de consequência, a politização completa da religião na época pós-renascentista, como um conservadorismo monárquico, de início, que aos poucos iria se transformando no seu contrário: num ativismo republicano, liberal e socialista” (Ibid, p. 132).

(34) Cf. Olavo de CARVALHO. *O Jardim das Aflições*. Op. cit., p. 24-25.

O sinal que lhe perturbou a alma se manifestou ao assistir a conferência de José Américo Motta Pessanha sobre a ética em Epicuro no MASP, patrocinado pela Secretaria Municipal da Cultura. Ele, o único lúcido no recinto, percebeu o que ninguém podia:

Um público de quinhentas pessoas submetera-se à intoxicação com sonsa alegria, numa deliquescência mórbida, como crianças a seguirem um novo flautista de Hamelin, sugestionadas pela voz melíflua, pelo jogo de imagens que dava às lorotas mais óbvias um intenso colorido de realidade. Puro feitiço, no melhor estilo Lair Ribeiro³⁵.

Jurando não querer parecer “um fanático, a espumar de cólera ante a opinião adversária”, ele destacou a gravidade do que presenciara:

O que mais me impressionava, na trama de erros tecida por Pessanha, era a sua densidade. Não havia ali uma única brecha por onde pudesse se introduzir uma discussão inteligente. Cada palavra parecia calculada para desviar a atenção do ouvinte, impedi-lo de olhar o assunto de frente, fixá-lo num estado de apatetada passividade ante o fluxo de sugestões, hipnotizá-lo e arrastá-lo delicadamente pela argola do nariz até uma conclusão que ele já não estaria mais em condições de julgar e à qual se curvaria com um sorriso de felicidade idiota e um mugido voluptuoso. O grumo compacto de absurdidades exalava uma radiação debilitante sobre as inteligências, produzia a acomodação progressiva a um estado de penumbra, de lucidez diminuída, até que, perdida toda vontade de enxergar, a alma da vítima se amoldasse às trevas como num leito fofo, aspirando o adocicado perfume do esquecimento³⁶.

Não se trata de um mero sofista. É muito mais grave do que isso. Para Olavo – talvez personificando o finado Padre Quevedo – parece que os esquerdistas deram um salto e desenvolveram o perigoso poder da mesmerização:

Não sei se me faço compreender. Há uma grande diferença entre o doutrinador que mete simplesmente na cabeça das pessoas uma ideia errada e o feiticeiro que as adocece, debilitando suas inteligências para que nunca mais atinem com a ideia certa. O primeiro move-se no reino das palavras, que podem ser enfrentadas com palavras. O segundo exerce uma ação quase física, produzindo feridas num estrato profundo que os meros argumentos não atingem. Feridas insensíveis, que só começarão a doer quando for tarde para curá-las – e quando a lembrança de sua origem estiver demasiado apagada para que se possa identificar o rosto do agressor³⁷.

Ele nos conta que a cena não era inédita, pois já tinha visto algo similar, mas nunca por alguém abrigado pelo Estado e pelo prestígio da autoridade acadêmica. Só tinha presenciado essa “ação quase física” sobre a mente produzida apenas por feiticeiros, clínicas psiquiátricas e em seitas obscuras³⁸.

O curioso é que estes feiticeiros das ideias, a crer na própria obra de Olavo, só podem ser combatidos por um “filósofo” místico como ele. Um dos poucos que foi capaz de perceber um projeto de global de dominação que atua pelo embotamento da mente das pessoas:

(35) Ibid, p. 22.

(36) Ibid, p. 22-23.

(37) Ibid, p. 23.

(38) Nunca vi nenhuma referência de Olavo ao filme *Scanners: sua mente pode destruir*. Acho que ele iria gostar. Desenvolver a habilidade de destruir a distância a mente dos adversários seria a arma final da esquerda.

A culminação de cem anos de pesquisas sobre o domínio psíquico do homem pelo homem é alcançada no momento em que todas as elites – as que estão momentaneamente no poder e aquelas que lutam para conquistá-lo – se unem num pacto contra a liberdade da consciência individual, consagrando as técnicas de manipulação psicológica e de estimulação contraditória como armas legítimas e aceitáveis na luta das ideias. A partir desse momento, pouco importa quem ganhe a disputa: a humanidade perderá³⁹.

E, um pouco depois desta frase ele enumera as forças que produzem os grilhões que convertem os homens em cães de Pavlov: o pragmatismo, o neopositivismo, o marxismo (sem o adjetivo cultural, que é recente), a pseudo-religião e a Nova Era.

Mas, como se sabe, para Olavo a figura mais perniciosa é Antonio Gramsci, o verdadeiro fundador do “marxismo cultural” e artífice da estratégia que, em sua visão fantasiosa, fundamenta toda a esquerda brasileira:

Gramsci ficou, dizia eu, meditando na cadeia. Mussolini, que o mandara prender, acreditava estar prestando um serviço ao mundo com o silêncio que impunha àquele cérebro que ele julgava temível. Aconteceu que no silêncio do cárcere o referido cérebro não parou de funcionar; apenas começou a germinar ideias que dificilmente lhe teriam ocorrido na agitação das ruas. Homens solitários voltam-se para dentro, tornam-se subjetivistas e profundos. Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado⁴⁰.

Logo, *por conta do cárcere*, Gramsci teria percebido que era necessário amestrar o povo para o socialismo antes da revolução. Isto é: fazer com que todos pensassem, agissem e se sentissem como membros de um Estado comunista enquanto viviam em um quadro externo capitalista. Só depois de assegurada esta hegemonia sobre os sentimentos e percepções do povo – o senso comum: o “aglomerado de hábitos e expectativas, inconscientes ou semiconscientes na maior parte, que governam o dia-a-dia das pessoas.” – poderia ocorrer a tomada formal do Estado.

O Pastor e Seus Discípulos: a salvação pela filosofia e a regeneração do Brasil

Coerente com a sua filiação à escola perenialista, Olavo de Carvalho afirma que a sua filosofia só pode ser uma atividade esotérica, isto é, circunscrita a um grupo limitado de iniciados. No seu caso, de clientes: todos os que estão dispostos a pagar pelo seu *Curso Online de Filosofia*, no qual ele

(39) Ibid, p. 65. Em outra obra ele diz algo similar: “No século XX, a consciência individual sofreu, das pseudociências emergentes, os mais violentos ataques, que pretenderam negá-la, reduzi-la a um epifenômeno dos papéis sociais introjetados, a uma projeção do instinto de sobrevivência, a uma ficção gramatical, a mil e uma formas do falso e do ilusório. De outro lado, no campo das técnicas psicológicas, nunca se investiu tanto na busca de meios para subjugar a consciência individual, quebrar sua autonomia, forçá-la a repetir mecanicamente o discurso coletivo. Se o nosso é o século do marxismo, da psicanálise, do estruturalismo, é também o da hipnose, o das técnicas de influência subliminar, o da lavagem cerebral, o da “modificação de comportamento” e o da Programação Neurolinguística. Se, por um lado, tudo se faz para demonstrar teoricamente a inanidade da consciência individual, de outro lado não se poupam esforços para reprimi-la e subjugar-la. Ora, estas duas séries de fatos, quando confrontadas, sugerem uma pergunta: para que tanto empenho em derrotar na prática algo que, em teoria, não existe? Se o cavalo está morto, para que açoitá-lo com tanta fúria?” (*A Nova Era e a Revolução Cultural*. Vide Editorial, 2017, p. 82).

(40) Ibid, p. 36.

é o pastor e seu rebanho precisa renunciar a qualquer tipo de opinião ou de crítica até estarem prontos para andarem com os próprios pés. E quando o discípulo está pronto? Somente o mestre pode saber. Mas, adverte o libertador das almas, o curso pode durar até 5 anos e, contudo, nada garante que o pupilo poderá estar entre os eleitos. No entanto, somente a leitura e as aulas *on line* não são suficientes. A chave para quem pretende penetrar no âmago do seu ser e descobrir a verdade é a *confissão*:

A confissão, para Olavo, é aquele momento em que o aluno está disposto a mostrar a sua alma com absoluta sinceridade, sem as suas máscaras sociais, sem os maneirismos e, o mais importante, sem os tiques verbais impostos por uma existência histórica na qual todos vivem em um mundo culturalmente devastado, cujas maiores representações são as universidades (em especial a USP) e a grande mídia⁴¹.

Trata-se, portanto, da criação de uma seita, onde o iniciado faz um voto de “abstinência em matéria de opinião”, entrega a sua interioridade ao mestre que irá moldá-lo em um homem novo. Somente depois disto o indivíduo adquire a faculdade de pensar por si próprio e, assim, perceber *a verdade*⁴² e, portanto, apto a fazer parte de uma “nova intelectualidade nacional” que opera espontaneamente como uma espécie de fiscal da inteligência coletiva⁴³.

Logo, como destacou com precisão Martins Vasquez da Cunha, o que Olavo propõe não é exatamente um método formal – embora ele se arrisque de forma atrapalhada nesta direção também⁴⁴ – mas a criação de *uma nova comunidade de iniciados* sob a liderança firme de um portador do saber genuíno, a única forma de se chegar efetivamente à verdade – uma verdade que é, em seu julgamento,

(41) Martins VASQUES DA CUNHA. *A Tirania...* Op. cit., p.164-165.

(42) Na apostila “Inteligência e Verdade” – transcrição das duas primeiras aulas do seminário de filosofia em Curitiba em agosto de 1994 – o guardião da inteligência nacional define o que por verdade: “Inteligência, no sentido em que aqui emprego a palavra, no sentido que tem etimologicamente e no sentido em que se usava no tempo em que as palavras tinham sentido, não quer dizer a habilidade de resolver problemas, a habilidade matemática, a imaginação visual, a aptidão musical ou qualquer outro tipo de habilidade em especial. Quer dizer, da maneira mais geral e abrangente, a capacidade de apreender a verdade. (...)”. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/inteligencia-e-verdade/>.

(43) Cf. Martins VASQUES DA CUNHA. *A Tirania...* Op. cit., p. 118.

(44) Para Olavo o método é sempre uma espécie de ascese interior operada por analogias que só podem ser construídas *intuitivamente*, fato que torna estéril a tarefa de construir grandes sistemas filosóficos fechados (tarefa que ele refuta, ao afirmar que isto correspondem o ofício dos burocratas do saber encastelados na Universidade). Essa passagem ilustra bem isto: “Tendo encontrado o princípio superior que organiza os vários planos de uma sequência analógica, parece que nada mais há a conhecer nesse domínio. Podemos ter aí a ilusão de ter alcançado, de uma vez, a verdade suprema. Na prática, porém, quanto mais nos aproximamos de um princípio universal, mais vão ficando para trás e cada vez mais longe as realidades concretas cuja explicação buscávamos. E, perto do topo, às vezes parecemos ter perdido de vista o propósito da viagem. O momento do reencontro passa, e nada nos resta nas mãos senão o enunciado abstrato e sem vida de um princípio lógico, que é a recordação melancólica de uma universalidade perdida. É preciso, portanto, descer novamente do princípio às suas manifestações particulares, e depois subir de novo, e assim por diante. De modo que a alternância sim/não, verdade/erro, que constitui para nós o início da investigação, é finalmente substituída, num giro de noventa graus, pela alternância alto-baixo, universal-particular. Passamos da oscilação horizontal para a vertical. E é justamente o despertar da capacidade de realizar em modo constante a subida e a descida, que constitui o objetivo de toda educação espiritual, sem a qual a perspectiva que nos é oferecida pela dialética simbólica se torna para nós apenas miragem. Compreendemos assim quanto é vão e pueril todo ensino da filosofia que permaneça no nível da pura discussão e não inclua uma disciplina da alma. Que a filosofia tenha descido da condição de ascese interior para a de mero confronto de doutrinas num ambiente de tagarelice mundana, é um mal de que o Ocidente, talvez, jamais poderá recuperar-se” (Olavo de CARVALHO. *A Dialética Simbólica*. Campinas: Vide Editorial, 2015, p. 27).

supratemporal. Neste sentido ele tende a ser percebido⁴⁵ como a encarnação da *revolução conservadora*, aquele tipo de conservadorismo otimista que rompe com a prudência por se julgar o portador de valores fundamentais que devem preponderar sobre tudo e sobre todos.⁴⁶ E, sem o controle do Estado, é impossível fazer isso.

Considerações finais

Não há dúvida que Olavo de Carvalho possui erudição e tem muito talento com as palavras. Entende a fundo – no espírito e na letra – a tradição perenialista que, na realidade, é o único fundamento sólido em sua verborragia pseudofilosófica. É exibicionista, mal-educado e autoritário: basta ver os seus vídeos mais recentes e, sobretudo, os testemunhos dos ex-olavetes que abandonaram a seita⁴⁷. A alcunha de Aiatolavo criada por Reinaldo Azevedo é, portanto, perfeita. Se esconde por detrás de formulações enigmáticas e dúbias que, no fundo, não são muito diferentes das palestras motivacionais dos *coachs* quânticos. A despeito da aderência de suas ideias em boa parte da onda conservadora, Olavo e sua seita não passa de uma emulação barata dos milenarismos do século XII e XIII: o líder carismático – geralmente um vigarista – agita a sociedade ao mobilizar os párias e os ressentidos, mas sem trazer maiores consequências de longo prazo. O olavismo é apenas uma ilustração da total ingovernabilidade do país, especialmente nos velhos termos. A ruptura é estrutural. Não adianta mais olhar para 1988, para o marasmo do jogo de cena entre PT e PSDB. Essa era acabou. Saudosismos e sebastianismo não resolvem nada. *Padim* Lula não salvará ninguém: sua mística acabou e sua única preocupação é salvar a sua biografia. A estreiteza do debate público atual – o “retorno do Estado”, como evitar a reeleição de Bolsonaro em 2022, etc. – é outra ilustração da tragédia.

(45) Saliento a palavra percebido. Acho que Olavo só está interessado em clientes e em quem financie a sua vida na Virgínia. Penso que, de fato, por algum momento ele desejou mesmo ser o embaixador do Brasil nos EUA, mas como até mesmo Bolsonaro deve ter achado o pedido extravagante, ele desistiu da ideia.

(46) Francisco Razzo – que também pulou do barco olavista – escreveu um texto muito esclarecedor sobre isto na ilustríssima: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/06/cruzada-conservadora-de-bolsonaro-so-faz-sentido-no-twitter-diz-autor-conservador.shtml>.

(47) Martins Vasquez da Cunha é um deles. Parte dos demais relatos podem ser encontrados aqui: <https://blogdadadania.com.br/2019/01/ex-seguidores-de-olavo-de-carvalho-contam-o-que-os-fez-parar-de-admira-lo/>.